Correio da Manhã

Circula em conjunto com:
CORREIO PETROPOLITANO
CORREIO SUL FLUMINENSE

Rio de Janeiro, Sexta-feira, 16 a domingo, 18 de Maio de 2025 - Ano CXXIII - Nº 24.768

Seu Jorge estreia no Rio a turnê 'Baile à la Baiana'
PÁGINA 10

Coletivo Bando Favelofágico lança seis livros no Rio
PÁGINA 15

Confira o roteiro dos melhores drinks sem álcool
PÁGINA 16

2º CADERNO

EDIÇÃO DE FIM DE SEMANA

Divulgação Vitrine Filmes

Victor Jucá/Divulgação

Wagner Moura protagoniza uma trama ambientada em Recife em 1977, durante o período em que o general Ernesto Geisel era o ditador de plantão

Brasilidade **à francesa**

Produtora mundialmente respeitada por filmes de CEP pernambucano, Emilie Lesclaux leva o Brasil à disputa pela Palma de Ouro com 'O Agente Secreto', numa parceria com seu companheiro, Kleber Mendonça Filho

A produtora Emilie Lesclaux vem levando os longas de Kleber Mendonça Filho a Cannes desde 'Aquarius', em 2016

Por **Rodrigo Fonseca**
Especial para o Correio da Manhã

Domingo é dia de Brasil na briga pela Palma de Ouro de Cannes, mas é uma francesa que adotou Recife como lar - Emilie Lesclaux - quem conduziu a produção do concorrente nacional de Cannes, "O Agente Secreto", encarado pela imprensa estrangeira como um dos lançamentos de maior expectativa da competição. A produtura já esteve em concurso na Croisette com dois outros marcos do país no planisfério cinéfilo: "Aquarius" (2016) e "Bacurau", que saiu do evento com o Prêmio do Júri, em 2019.

Voltou em 2023, na disputa do troféu L'Oeil d'Or (a Palma da não ficção), com o ensaio de tom documental "Retratos Fantasmas". Seu currículo é invejável e traduz sua parceria criativa com seu companheiro, Kleber Mendonça Filho, com quem tem dois filhos. Ela ainda fez barulho na Berlinale de 2024 com "Dormir De Olhos Abertos", da alemã Nele Wohlatz, e no Festival de Veneza de 2023 com "Sem Coração", da dupla Nara Normande e Tião, egressa de Pernambuco, a terra de Kleber e arena de sua obra.

"A coprodução, que é algo sempre complexo, principalmente envolvendo vários países, foi uma experiência muito feliz para o 'Agente Secreto', como foi para 'Bacurau' e 'Aquarius', diz Emilie, que começou a produzir filmes ajudando Kleber (em várias funções) em curtas dele e no longa "Crítico", documentário de 2008 hoje na MUBI.

Continua na página seguinte

'Tudo foi contribuindo para **novas camadas criativas** *num filme que continua* **extremamente brasileiro...** *pernambucano'*

PALME D'OR
FESTIVAL DE CANNES

Brent Travers/Divulgação

Kleber Mendonça Filho, Emilie Lesclaux e Wagner Moura no set de filmagens de 'O Agente Secreto': uma parceria de êxito

"'O Agente Secreto' teve um financiamento inicial via Estados Unidos que não foi pra frente, e nos encontramos no final de 2022 tendo que reconstruir um orçamento do zero", conta Emilie Lesclaux.

Ambientado em meio à era do general Ernesto Geisel (1907-1996) no poder, em 1977, "O Agente Secreto" tem Wagner Moura como protagonista. O astro da série "Narcos" encarna Marcelo, um especialista em tecnologia que foge de um passado misterioso e volta ao Recife em busca de paz. Ele logo percebe que a cidade está longe de ser o refúgio que procura.

Ao lado de Wagner estão Maria Fernanda Cândido, Gabriel Leone, Hermila Guedes, Thomás Aquino, Alice Carvalho, Edilson Filho e o alemão Udo Kier.

O filme é uma coprodução Brasil (CinemaScópio Produções, de Emilie e de Kleber), França (MK Productions), Holanda (Lemming) e Alemanha (One Two Films) e terá distribuição em circuito brasileiro da Vitrine Filmes.

"Começamos o processo de procurar fundos no Brasil, com a nossa distribuidora, a Vitrine", diz Emilie. "Em Cannes, novamente, começou uma parceria com a MK Productions, e alguns meses depois, com a One Two Films (Alemanha) e a Lemming Film (Holanda). Nosso equipamento de câmera ARRI, com lentes Panavision dos anos 1970, veio da França, assim como a nossa diretora de fotografia, Evgenia Alexandrova, e realizamos boa parte da pós produção na Europa. Gravamos a trilha sonora num estúdio maravilhoso em Amsterdam (STMPD) e fizemos correção de cor na Rotor, nos Estúdios Babelsberg na Alemanha. Nós mixamos o filme em Paris, com o grande Cyril Holtz", detalha a produtora.

"Tudo foi contribuindo para novas camadas criativas num filme que continua extremamente brasileiro... pernambucano. Aliás, uma das coisas mais belas foi ver franceses assobiando um frevo e ver um alemão aperfeiçoando a cor de um ônibus elétrico dos anos 1970", recorda.

Quando lançou "Retratos Fantasmas", um estudo sobre a memória, dirigido por Kleber a partir de fotos – sobretudo de antigas salas de projeção, a maioria de rua, hoje fechadas ou substituídas por farmácias ou templos –, Emilie contou ao Correio como construiu sua brasilidade.

"Lembro de descobrir o Cinema do Parque e o Cinema São Luiz quando cheguei em 2002. Lembro de ficar maravilhada com a beleza desse patrimônio e entender também a importância dessas salas como espaços de formação e de valorização do cinema nacional, do cinema pernambucano", disse Emilie à época. "Ver 'Cidade de Deus' e 'Amarelo Manga' nessa época, no centro da cidade, foi uma experiência incomum. Também vivi como produtora a exibição dos nossos filmes nessas salas, e ver as filas de pessoas querendo assistir a 'Bacurau' darem a volta do quarteirão do Cine São Luiz foi algo emocionante".

Nesta segunda, na seção Cannes Classics, o festival acolhe "Para Vigo Me Voy!", um documentário sobre Cacá Diegues (1940-2025) dirigido por Karen Harley e Lírio Ferreira. A data bate com o aniversário do diretor de "Chuvas de Verão" (1978), que faria 85 anos na segunda.

Cannes encerra seus trabalhos no dia 24, com a entrega da sempre cobiçada Palma de Ouro e 'O Agente Secreto' renova as esperanças brasileiras pela premiação.

Arranque com filme **'delicinha',** o musical francês **'Partir Un Jour',** na abertura de Cannes

Divulgação

'Partir Un Jour', filme de Amélie Bonnin, abriu a maratona cinéfila do Festival de Cannes

PALME D'OR
FESTIVAL DE CANNES

Uma produção local pequenininha, sem estrelas AA, sem tema polêmico e sem chamarizes evidentes é comédia, romance, musical e é um filme (muito) bem atuado e redondinho na edição

Por **Rodrigo Fonseca**
Especial para o Correio da Manhã

Inaugurado em edições passadas por blockbusters charmosos ("O Grande Gatsby"), versões de livros cultuados ("Ensaio Sobre a Cegueira", de Fernando Meirelles, em 2008) e animações da Disney ("Up - Altas Aventuras"), Cannes abriu seu festival de número 78, na noite de terça, com a prata da casa: uma produção francesa "pequenininha", sem estrelas AA, sem tema polêmico e sem chamarizes evidentes. "Partir Un Jour" é o que chamaríamos de "delicinha". É comédia, é romance, é musical, é um filme (muito) bem atuado e redondinho na edição.

Suas ambições estéticas se resumem, na aparência, a evocar a tradição dos filmes cantados europeus dos anos 1960 (sobretudo os de Jacques Demy, o mestre do filão), abrindo um debate sobre ânsias do amor na contemporaneidade. Tem uma atriz em estado de graça (Juliette Armanet) e uma diretora estreante em longas de ficção: Amélie Bonnin. Quando se listam os títulos de abre-alas desta década, com exceção do também musicado "Annette", de Leos Carax, Amélie entregou à Croisette um bombom daqueles que a gente compra no ônibus com o troco da passagem. Não é nada que fique pra posteridade do paladar, mas cai bem.

Frente ao pavoroso "O Segundo Ato", de Quentin Dupieux, exibido em 2024, ou "Coupez!", de Michel Hazanavicius, projetado em 2022, a maratona cinéfila da Côte d'Azur começou belamente em 2025.

Exibido após uma homenagem a Robert De Niro, coroado com a Palma de Ouro Honorária pelas mãos de Leonardo DiCaprio, "Partir Un Jour" é uma mistura da série culinária "The Bear" com o Demy de "Guarda-Chuvas do Amor", ganhador da Palma de Ouro de 1964 (só que um tantinho mais comedido com cores e o mel).

Um clima à la "MasterChef" se instaurou em Cannes em suas passagens gastronômicas. No início da trama, a mestre-cuca Cécile (papel de Juliette) está prestes a realizar seu sonho de abrir seu próprio restaurante gourmet. Sua vida afetiva com o namorado é rotineira, mas tem tesão. Em meio a um teste de gravidez, que dá um assustador positivo, ela recebe a notícia de que precisa retornar ao vilarejo de sua infância pois seu pai sofre um ataque cardíaco. Longe da agitação de Paris, ela reencontra seu amor de infância, com quem estudou. Suas lembranças ressurgem e suas certezas vacilam conforme a panela de pressão de sentimentos ferve à máxima tempertura.

Com experiência na direção de TV e de documentários, Bonnin consegue ser econômica não apenas na paleta com que o diretor de fotografia David Cailley colore quadro após quadro. Suas sequências de cantoria não têm coreografias sofisticadas, nem corais pela rua, nem efeitos visuais. São apenas quebras do realismo, que aliviam o azedume de sua crônica sobre escolhas e revisões de um outrora mal resolvido. Seu conflito é trabalhado com leveza e canções saborosas, em especial a letra que dá título à fita. A evocação ao clássico "Paroles Paroles", de Dalida, é um mimo à parte.

Vai ter Festival de Cannes até o dia 24. Neste domingo a competição pela Palma de Ouro vai conferir "O Agente Secreto", do pernambucano Kleber Mendonça Filho, laureado lá em 2019 com "Bacurau" (codirigido por Juliano Dornelles).

Nos acordes do desejo

Artesão do musical, o diretor Christophe Honoré assume a presidência da Queer Palm, a láurea da Croisette que combate homofobia e transfobia

PALME D'OR
FESTIVAL DE CANNES

Por **Rodrigo Fonseca**
Especial para o Correio da Manhã

SSIFF/Divulgação

Ao perceber que o filme de abertura de sua 78ª edição (a fofura "Partir Un Jour") é um musical, Cannes, de cara, evocou Christophe Honoré. Com "Canções de Amor" (2007), o realizador francês nascido há 55 anos na região de Finistère virou um estandarte do gênero em que seus conterrâneos alcançaram glória depois de "Os Guarda-Chuvas ro Amor" (1964), de Jacques Demy (1931-1990).

Repetiu a marca em 2011, com "Bem Amadas". Há um tempão, a Croisette virou sua casa. Quase todos os longas-metragens que ele dirigiu passaram por ele, a se destacar o mais recente, "Marcello Mio", de 2024.

A citação a seu legado vem ainda por seu simbolismo histórico na lutra contra a homofobia e contra a intolerância a pessoas que vivem com HIV. Este ano, a passagem dele pela Côte d'Azur se dá na presidência de um júri ligado às pautas LGBTQIAPN+, na escolha da Queer Palm de 2025. A seu lado está o diretor de Minas Gerais Marcelo Caetano, laurado mundo adentro com "Baby". Ainda na bancada deles estão a jornalista Timé Zoppé, a compositora Leonie Pernet e a curadora Faridah Gbadamosi.

> *'A Aids sempre esteve com a gente, como um fantasma, mas também como um balizador do desejo. E cinema vem do desejo. Eu filmo para exercitar o que desejo'*
>
> Christophe Honoré

"Já na casa dos 50 anos, eu me vejo ligado a uma geração que escapou de se infectar com o HIV, mas que viveu suas primeiras experiências sexuais à sombra da Aids, com medo da contaminação, vendo nossos ídolos queer morrerem doentes. A Aids sempre esteve com a gente, como um fantasma, mas também como um balizador do desejo. E cinema vem do desejo. Eu filmo para exercitar o que desejo", disse Honoré ao Correio da Manhã em entrevista na Espanha, no Festival de San Sebastián.

Há sempre um aroma fúnebre nos filmes desse festejado realizador, por mais lúdicos e leves que sejam, como o lúdico "Quarto 212" (2019) ou o doído "Conquistar, Amar e Viver Intensamente" (2018). Respeitado no universo da literatura, por romances como "Tout contre Léo" (1995), e elogiado nos palcos em seu trabalho como encenador, o diretor virou um quindim pra crítica europeia, arrebatando uma legião de fãs.

"O perímetro da memória é vasto e nele cabem muitos demônios e muitas ausências", diz o diretor, que há de analisar títulos das mais variadas mostras de Cannes na escolha da Queer Palm.

A presidente do júri central do festival de número 78, a atriz Juliette Binoche, foi dirigida por Honoré em "Inverno Em Paris" (2022) e contracenou com ele. É uma visita do cineasta à trágica história de sua adolescência, após a perda do pai e a luta para sair do armário numa França cheia de moralismos velados.

"É um filme sobre o jovem que eu fui sem ele, mas transporto isso para a história de outro menino, que assume seu querer em meio a descobertas de seu corpo. Tem muito de mim. Não por acaso, eu mesmo interpreto a figura paterna, que morre no início. Fui ao circuito exibidro com ele para buscar diálogo, fazer essa trama catártica ser vista", explica Honoré.

Um dos prêmios recentes de Cannes, o troféu L'Œil d'Or, encarado como uma Palma da não ficção, chega aos dez anos de vigência em 2025. Em seu segundo ano, 2016, ele veio para o Brasil, entregue a "Cinema Novo", de Eryk Rocha. Este ano, o cinema nacional tá de volta ao páreo com "Para Vigo Me Voy!", um réquiem de Karen Harley e Lírio Ferreira, para Cacá Diegues (1940-2025). O júri é encabeçado pela atriz e produtora Julie Gayet, que vai analisar cada filme em curso ao lado de Carmen Castillo, Juliette Favreul Renaud, Frédéric Maire et Marc Zinga. A entrega será no dia 23. No dia seguinte, 24 de maio, Binoche anuncia os vencedores do certame central.

O Incriticável

Mercado editorial francês preserva o legado teórico do jornalista Michel Ciment, o Midas da arte de escrever resenhas de filmes e de pensar o papel político (e poético) do audiovisual

Divulgação

O crítico em cena do documentário 'Michel Ciment, le cinéma en partage'; Ele emprestou sua prosa a diversas obras sobre a Sétima Arte

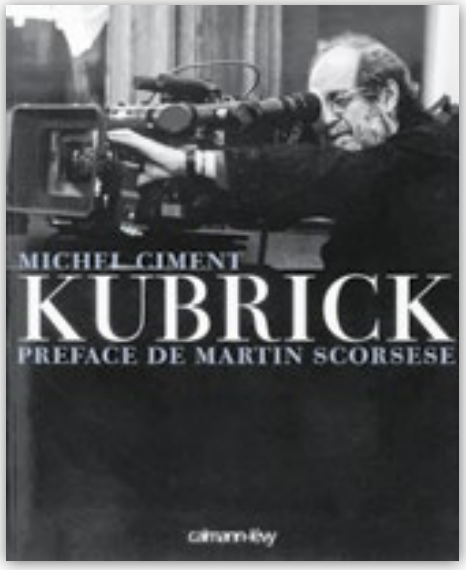
PALME D'OR
FESTIVAL DE CANNES

Por Rodrigo Fonseca
Especial paar o Correio da Manhã

Cannes reage à saudade que tem de Michel Jean Ciment (1938-2023), o jornalista considerado um dos maiores críticos de cinema de toda a Europa, jogando holofotes sobre sua prosa teórica. Cada cantinho do balneário onde se comprem livros abre um espaço para seu "Une renaissance américaine: 30 entretiens avec des cinéastes", amarradinho com conversas que ele teve com lendas dos EUA. Conversar era um verbo que ele transformou em arte - e num convite ao aprendizado - em seu trabalho no festival mais prestigiado do mundo: pilotar masterclasses com lendas da direção e da atuação.

Paralelamente a seus serviços prestados à imprensa, ele entrevistava estrelas na Croisette, em papos imortalizados nos acervos do festival, nos quais Quentin Tarantino, Malcolm McDowell e Sidney Pollack se soltavam no balanço de sua fala.

Uma edição recente de seu "Jane Campion On Jane Campion", sobre a diretora de "O Piano" (Palma de Ouro de 1993), foi recolocado nas livrarias da França, assim que Cannes inaugurou sua 78. edição, na terça-feira. O mesmo se passou com "Kubrick", o best-seller de Ciment, com foco no realizador de joias como "De Olhos Bem Fechados" (1999), que teve prefácio do cineasta Martin Scorsese, um dos xodós do resenhista. É um tijolaço com 400 ilustrações, incluindo 150 coloridas, muitas delas raras ou até mesmo inéditas. Seu texto tem o traço investigativo característico de seu autor.



Iracundo diante da conquista da Palma de Ouro de 2010 por Apichatpong Weerasethakul e seu "Tio Boonmee, Que Pode Recordar Suas Vidas Passadas", Ciment ensaiou uma boca de urna tardia, na porta do Palais des Festivals de Cannes, para que seus colegas da imprensa fossem às salas de exibição assistir a seu filme favorito da competição daquele ano: "A Princesa de Montpensier", de Bertrand Tavernier (1941-2021). Agiu igualzinho na Berlinale 2017, depois de ver "Return to Montauk", de seu amigo alemão Volker Schlöndorff. Partidário da ideia expressa no título de um clássico de Bud Spencer e Terence Hill – "Quem Encontra Um Amigo Encontra um Tesouro" -, Ciment vibrou ao saber que o moçambicano Ruy Guerra havia finalizado "Quase Memória", em 2015. Foi ao céu ao ouvir o nome do alagoano Cacá Diegues (1940-2025) entre as atrações da Croisette de 2018, onde o brasileiro estreou seu "O Grande Circo Místico". Apesar de exigente, Ciment era só coração... no tanto de cérebro que dedicou a resenhar filmes, de 1963 até serenar, aos 85 anos.

Em seu obituário, Cannes referiu-se a ele como "um espírito livre de insaciável curiosidade, incorporando o conceito de cinefilia". Seus escritos eram arejados pelo amor pela telona, num respeito seminal por Hollywood, que vinha desde 1944, quando ele (filho do alfaiate judeu húngaro Alexander Cziment) testemunhou as ações das tropas estadunidenses para livrar a França da ocupação nazista. O impacto do episódio fez com que ele se interessasse pelo ethos da cultura americana e fizesse dos filmes egressos de lá objetos das críticas que escreveu para alguns dos veículos de imprensa de maior prestígio da Europa. A "Positif", revista fundada em 1952 e celebrizada como concorrente direta da "Cahiers du Cinéma" (a Bíblia do audiovisual), foi a plataforma mais prolífica de suas ideias. Começou a escrever lá em 1963. Três anos depois, em decorrência do sucesso de um artigo seu sobre Orson Welles (1915-1985), virou editor do periódico, sem nunca deixar o posto.

"Vale a pena você assinar a gente, até porque, na assinatura, ganha de brinde um DVD", dizia ele, todo orgulhoso, a vender seu peixe.

Com carinho paterno, cuidou da edição da revista até a pandemia, sempre exercitando seu interesse em perfilar cineastas com potência para criar uma obra própria e almejar um status de maestria, como o italiano Nanni Moretti, a belga Agnès Varda (1928-2019) e o americano Tim Burton. Parte desses perfis foram compilados pelo próprio Ciment em "Positif 50 years: Selections from the French film jornal", lançado pela editora do The Museum of Modern Art, em 2002. Aliás, ele lançou livros sem parar nas últimas cinco décadas, a partir de 1973, ano de lançamento de seu primeiro sucesso nas livrarias: "Kazan par Kazan". A arte de entrevistar sempre foi o forte de Ciment, vide o livro "Passeport pour Hollywood: Entretiens Avec Wilder, Huston, Mankiewicz, Polanski, Forman & Wenders", de 1992.

Respeitado por sua gramática primaveril e pela memória prodigiosa, tinha opiniões ferinas. Embirrava com a escolha de Sean Penn como presidente do júri de Cannes de 2008, dizendo: "Os filmes que esse cara dirigiu são péssimos". Era bem implicante com a figura (e os filmes) do diretor Jim Jarmusch, de "Daunbailó" (1986). Dava sensos controversos, como dizer que considerava "Gomorra" (2008), de Matteo Garrone, melhor do que "Z" (1969), de Costa-Gavras. No entanto, provocações à parte, respeitava a magia que um bom filme gera ao ser projetado na telona. Foi muito respeitado pelo amor que tinha pela dimensão analgésica do discurso cinematográfico.

O cinema queer de **não ficção em foco**

FID:Rio traz 14 produções inéditas, entre curtas e longas-metragens de 11 países

Por **Affonso Nunes**

Com exibições gratuitas no Centro Cultural da Justiça Federal (CCJF), o Rio recebe neste fim de semana, de sexta a domingo (16 a 18) a primeira edição do FID:RIO – Festival Internacional de Cinema de Não Ficção do Rio de Janeiro. Focada em obras documentais com propostas narrativas e estéticas inovadoras, a programação traz 14 produções inéditas na cidade, entre curtas e longas-metragens, todas com temática LGBTQIAPN+. As sessões integram a mostra competitiva "Fricções do Desejo: não ficções queer do cinema contemporâneo", reunindo obras do Brasil, Argentina, Canadá, Chile, Colômbia, Cuba, França, Grécia, Hungria, México e Portugal.

Criado como um panorama do cinema documental queer contemporâneo, o FID:RIO propõe um mergulho em experiências de vida marcadas pela pluralidade e complexidade das identidades. Os filmes questionam normas de gênero e sexualidade, desestabilizando códigos morais convencionais e abrindo espaço para corpos, afetos e desejos dissidentes. "São produções que contribuem para a visibilidade e reconhecimento de identidades não-normativas, combatem a discriminação e oferecem espaços de diálogo", afirma o curador Walter Tiepelmann.

Segundo o jurado Fernando Pocahy, as obras selecionadas abordam vivências particulares, mas permitem traçar relações entre modos de vida e estimular reflexões mais amplas: "É a oportunidade de questionarmos convenções sociais, ampliando outras formas de viver-sentir o corpo, o desejo, o gênero e os modos de ser-estar no mundo".

O júri da mostra competitiva é formado por nomes relevantes do audiovisual e da crítica, como Ana Fernandez Saiz, Kristina Konrad, Rafael Teixeira, Leonardo Edde, Maria Sucar, Cássio Starling Carlos, Marcelo Balbio e o próprio Pocahy. Em junho, como parte do mês do orgulho LGBTQIAPN+, o filme vencedor será exibido novamente no CCJF, no dia 12, dentro da programação do Festival Identidade em Cena.

O FID:RIO é uma coprodução com o FIDBA – Festival Internacional de Cine Documental de Buenos Aires e o #LINK – Encuentro Iberoamericano de Cine Documental, ambos realizados na Argentina.

PROGRAMAÇÃO COMPLETA

16/5 - SEXTA-FEIRA

14h - Anhell 69 (Direção: Theo Montoya, Colômbia) - Um carro funerário viaja por Medellín enquanto um jovem diretor revive seu passado, seu primeiro filme e uma geração queer marcada pela perda, sonhos desfeitos e o desejo de continuar filmando.

15h30 - Sessão de curtas - Dildotecnica (Direção: Tomás Paula Marques, Portugal) | A chave dos meus sonhos (Direção: Gerard X Reyes e Poppy Sanchez, Canadá) | Como me Esquecer do Inverno (Direção: Mari Moraga, Brasil) | Polvos (Direção: Juan Miguel Nasra, Hungria) | Mate todos eles (Direção: Sebastian Molina Ruiz, México) | Nunca pare de gritar (Direção: Abdellah Taïa, França)

19h - Chamadas de Moscou (Direção: Luis Alejandro Yero, Cuba): Pouco antes da invasão da Ucrânia, quatro jovens cubanos queer que vivem em uma comunidade sem documentos moram num apartamento em Moscou, em meio a telefonemas, memórias e resistências, em diálogo com o diretor.

17/5 – SÁBADO

14h - Tão imunda e tão feliz (Direção: Wincy Oyarce, Chile): Hija de Perra foi uma artista travesti que se tornaria um ícone da dissidência e uma referência do underground latino-americano após sua morte em 2014.

16h - Eu não posso fazer sexo (Direção: Bel Gatti, Argentina): Bel não consegue fazer sexo, então faz um filme para conseguir. Entre vibradores, crianças, duelos e Warhol, nasce uma docu-fantasia íntima, performática e milenar sobre cura, beijos e filmagens.

18h - Filhas da noite (Direção: Henrique Arruda e Sylara Silverio, Brasil): Seis veteranas do Recife revivem suas noites gloriosas em meio a lantejoulas e nostalgia. Diante das câmeras, elas celebram seu legado como eternas pioneiras.

Divulgação

A produção argentina 'Eu não posso fazer sexo', de Bel Gatti, é um dos títulos selecionados pela curadoria

18/5 – DOMINGO

14h - Astrakan 69 (Direção: Catarina Mourão, Portugal): Aos 58 anos, Martim relembra sua viagem à URSS em 1979: enviado pelos pais comunistas, ele se apaixonou, abandonou a escola e viu o ideal que um dia acreditou ser seu.

16h Avant-Drag! (Direção: Fil Ieropoulos, Grécia): Dez artistas drag encontram consolo uns nos outros enquanto se rebelam contra sua realidade opressiva e aqueles que a controlam.

18h - O fio da tesoura (Direção: David Valverdi, Argentina): Com um aplicativo de namoro, um homem se disseca para construir um diário de desejos. Um salão de cabeleireiro suburbano, encontros casuais e um ménage à trois convergem em uma história que oscila entre animação, documentário e autobiografia.

Vem viver mais.
vem viver sesc RJ
+experiências
+cidadania
+diversão
+cultura
+educação
+saúde
+sabor
+inclusão
+diversidade
A maior marca de bem-estar social do Rio de Janeiro.
Sempre buscando promover o desenvolvimento social e a qualidade de vida, o Sesc RJ oferece atividades e serviços para você viver experiências inesquecíveis com mais diversão, cultura, esporte, cidadania, educação e saúde.
VEM SABER +
sescrio.org.br
portalsescrio
sescrio
sescrj
Sesc

Laura Testa/Divulgação

Instinto

Um Rio de opções de lazer

Confira atrações culturais em todas as regiões da cidade

SUGESTÕES PARA SEXTOU@CORREIODAMANHA.NET.BR

SHOW

LEONI

✱O cantor e compositor celebra 40 anos de estrada em um show repleto de sucessos, revisitando canções que marcaram sua trajetória como uma das grandes vozes autorais do Rock Brasil desde os tempos do Kid Abelha. Sex (16), às 20h e 22h30. Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910 - Copacabana). Entre R$ 110 e R$ 190

LEO GANDELMAN

✱Saxofonista, compositor, arranjador e produtor musical de renome nacional e internacional promete uma noite de sofisticação musical e performance impecável de releituras e temas instrumentais de sua autoria. Sáb (17), às 22h30. Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910 - Copacabana). A partir de R$ 60

FÁTIMA GUEDES

✱Conhecida como uma das grandes letristas da MPB, a cantora e compositora retorna aos palcos com o espetáculo inédito "Sete Chuvas". Participação especial do grupo vocal Arranco de Varsóvia, formado por Paulo Malaguti Pauleira (teclados e voz), Andréa Dutra (voz) e Cacala Carvalho (voz). Sáb (17), às 19h30. Teatro Rival Petrobras (Rua Álvaro Alvim, 33 - Cinelândia). R$ 140 e R$ 70 (meia)

TOM SPEIGHT

✱O cantor e compositor britânico apresenta o show de lançamento de "Perfect Strangers", seu mais novo álbum. Sáb (17), às 20h. Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910 - Copacabana). A partir de R$ 60

JOÃO SENISE

✱O cantor carioca apresenta show especial recheado de grandes sucessos de Ivan Lins, seu padrinho musical, que está completando 80 anos. Ter (20), às 19h30. Teatro Rival Petrobras (Rua Álvaro Alvim, 33 - Cinelândia). R$ 140 e R$ 70 (meia). R$ 120 e R$ 60 (meia)

MÔNICA SALMASO

✱A festejada cantora interpreta pérolas do repertório de lendária Elizeth Cardoso, a Divina, em temporada carioca pelo projeto Terças no Ipanema. Até 27/5, sempre às terças, às 20h. Teatro Municipal Ipanema Rubens Corrêa (Rua Prudente de Moraes, 824). R$ 80 e R$ 40 (meia)

Divulgação

Fátima Guedes

TEATRO

TOC TOC

✱Nesta comédia francesa seis pessoas com diferentes tipos de TOC, aguardam atendimento num consultório, mas o médico não aparece. Até 30/6, sex (20h), sáb (18h e 20h) e dom (18h). Teatro dos 4 (Shopping da Gávea - Rua Marquês de São Vicente, 52). R$ 140 e R$ 70 (meia)

INSTINTO

✱Nesta metáfora política encenada pelo Coletivo Gompa (RS) atores com máscaras de macacos questionam, com humor e sarcasmo, os limites da humanidade e o papel do líder diante de uma sociedade passiva. Até 18/5, qui a dom (20h30). Sesc Copacabana (Rua Domingos Ferreira, 160). Entre R$ 10 e R$ 30

DuHart Fotografia/Divulgação

Leo Gandelman

Divulgação

Leoni

Ernani Pinheiro/Divulgação

Professor Samba

Divulgação

Auto-Acusação

Renato Mangolin/Divulgação

Da Janela

PROFESSOR SAMBA

✱Musical celebra a trajetória de Ismael Silva, fundador da primeira escola de samba carioca, a Deixa Falar (atual Estácio) e reconhecido como o pai do samba moderno e sua batida sincopada. Até 28/5, qua (20h30). Sala Rosamaria Murtinho - Teatro Fashion Mall (Estrada da Gávea, 899, sala 213, São Conrado). R$ 100 e R$ 50 (meia)

FÉRIAS

✱Nesta comédia um casal celebra seus 25 anos de união e empreende uma jornada de redescoberta durante um cruzeiro marítimo. Com Fábio Assunção e Drica Moraes. Até 25/5, sáb (18h e 20h30) e dom (16h e 18h). Teatro Claro Mais (Rua Siqueira Campos, 143 - 2º Piso - Copacabana). A partir de R$ 50

FREUD E O HOMEM DOS RATOS

✱Dramaturgia de Antônio Quinet aborda um caso real do pai da psicanálise. Até 10/6, ter (20h30). Teatro Vannucci (Rua Marquês de São Vicente, 52 - Gávea). A partir de R$ 40

AGORA INÊS É MORTA

✱Inês e Pedro lutam para estar juntos em meio a uma teia de intrigas, ódio e conflitos de interesses. Até 29/5, qui (20h). Teatro dos 4 (Rua Marquês de São Vicente, 52). R$ 100 e R$ 50 (meia)

ÁGUA FRESCA PARA AS FLORES

✱Monólogo baseado no romance da autora francesa Valérie Perrin. Até 28/5, ter e qua (20h). Teatro dos 4 (Rua Marquês de São Vicente, 52). R$ 100 e R$ 50 (meia)

EXPOSIÇÃO

AUTO-ACUSAÇÃO

✱Através de instalações que integram teatro, canto, audiovisual e cinema, a atriz e diretora Bárbara Paz reflete sobre as cicatrizes decorrentes de um acidente automobilístico que sofreu. Até 16/6, ter a sex (11h às 18h), sáb (12h às 20h) e dom (10h às 18h). Studio OM.art (Rua Jardim Botânico, 997). Entrada Franca

ÁGUAS DA AMAZÔNIA

✱Com traços peculiares e pinceladas fortes, Ana Luiza Varella apresenta telas que exploram a pororoca, o encontro das águas dos rios amazônicos com o Oceano Atlântico. Até 30/5, seg a qui (13h às 19h) e sex (12h às 18h). Galeria IBEU (Rua Maria Angélica, 168 - Jardim Botânico). Grátis

FANTÁSTICO FEMININO

✱A ceramista Rosana Pereira, do Vale do Jequitinhonha (MG), apresenta suas esculturas em barro de criaturas meio-gente meio-bicho em situações cotidianas. Até 18/5, ter a sex (10h às 18h), sáb, dom e fer (11h às 17h). Sala do Artista Popular (Rua do Catete, 179). Grátis

INFANTIL

DA JANELA

✱A comovente e inspiradora história de quatro crianças com limitações físicas e que adotam práticas de inclusão para se comunicarem umas com as outras. Sessões com tradução em LIBRAS. Até 18/5, de qua a sex (15h e 18h), sáb e dom (16h). Teatro Adolpho Bloch (Rua do Russel, 804 - Glória). Entre R$ 20 e R$ 70

A MENINA DANÇA

✱Através dos ritmos e danças africanas as crianças conhecem a história de Maria Felipa, personagem que se depara com 40 navios portugueses, prontos a tirar sua liberdade. Até 1/6, sáb e dom (11h). Teatro Municipal Domingos de Oliveira (Av. Padre Leonel Franca, 240 - Gávea). Grátis

SOLANINHO

✱Uma viagem onírica ao passado regada pela produção poética do pernambucano Solano Trindade (1908-1974). Até 18/5, sáb e dom (16h). Sesc Tijuca (Rua Barão de Mesquita, nº 539). R$ 20, R$ 10 (meia), R$ 5 (associado Sesc) e grátis (PCG)

Divulgação

Um baile com o melhor de dois mundos

Novo show de Seu Jorge celebra a música preta do Rio e da Bahia com repertório inédito, banda afiada e clima de festa popular

Por **Affonso Nunes**

Sinônimo de brasilidade e um dos artistas mais completos e influentes da música brasileira, Seu Jorge apresenta neste sábado (17) o show "Baile à la Baiana", com repertório baseado em seu mais recente álbum que reúne as influências da música carioca e baiana, criando uma fusão única de funk, soul, samba, chula, e outros ritmos que marcaram sua eclética carreira. Gravado com a banda Conjuntão Pesadão – que acompanha o cantor há anos – "Baile à la Baiana" é um retrato da evolução musical de Seu Jorge, que sempre soube transitar entre diferentes gêneros e estilos.

O resultado é uma sonoridade única, combinando a força da música negra carioca – influenciada por bandas como Banda Black Rio e A Banda do Zé Pretinho – com os ritmos pulsantes e típicos da Bahia, como Chula e Semba, criando uma mistura única de Black Music, Black Samba e Afropop.

"Esse disco é uma junção de influências que venho acumulando ao longo dos anos, misturando minhas raízes cariocas com a força da música preta da Bahia", explica Seu Jorge, enfatizando que o álbum foi feito para a celebração, para dançar e para se divertir. "A música carioca e a baiana se encontram de forma natural, porque ambas têm raízes na música preta e no desejo de transmitir alegria e força", acrescenta.

A inspiração para "Baile à la Baiana" nasceu em Salvador, onde o cantor encontrou o espaço cultural Galpão Cheio de Assunto, liderado pelo percussionista Peu Meurray, seu amigo e parceiro de longa data.

Foi ali que Seu Jorge se conectou com o cantor Magary Lord, outro nome fundamental para o álbum. O Galpão, que reunia música, arte e cultura, tornou-se um verdadeiro ponto de convergência para ideias inovadoras e colaborações artísticas.

Para Seu Jorge, essa experiência foi crucial para o desenvolvimento do trabalho. "Foi um encontro de almas. A música nos uniu de uma forma muito genuína", relembra.

O álbum traz ainda a contribuição de outros músicos de destaque, como Adriano Trindade, Sidão, Danilo Andrade, Rodrigo Tavares, Fernando Vidal, Ivan Sacerdote, entre outros. A participação dos dois últimos foi essencial para capturar a energia e a essência do projeto, trazendo percussões e vocais que acrescentaram ainda mais autenticidade ao trabalho.

"Todo mundo trouxe suas virtudes e experiências para criar algo único. Esse álbum representa a ideia de que gente boa se atrai. É sobre encontros, celebração e alegria. Quero que essa energia alcance o maior número de pessoas possível", torce Seu Jorge.

"Baile à la Baiana" também é uma celebração de amizades e parcerias que marcaram a trajetória do cantor. Magary Lord, que já colaborou com Seu Jorge em diversas canções, explica: "O disco traduz essa energia de alegria, alto astral e descontração. Agora, queremos levar essa vibração para os palcos e botar o povo para dançar".

Já Peu Meurray reflete sobre o longo caminho trilhado ao lado de Seu Jorge: "Baile à La Baiana é um projeto que celebra quase duas décadas de amizade com Seu Jorge e a parceria com Magary, marcado por sinceridade, harmonia e alegria."

O show deste sábado antecede a turnê internacional que levará o som de Seu Jorge para diversas cidades da Europa. O cantor está empolgado para compartilhar seu novo álbum com o público global. "A música brasileira tem um alcance incrível. Estou animado para levar o Baile à la Baiana para palcos internacionais e mostrar toda essa vibração", afirma Seu Jorge.

Com mais de 30 anos de carreira, Seu Jorge foi um dos protagonistas da explosão do samba-rock e do movimento musical que misturou samba com outros gêneros, como funk e soul. Sua discografia inclui álbuns premiados, parcerias com grandes nomes da música nacional e internacional e uma sólida carreira no cinema. Ele brilhou no cinema, com papéis marcantes em filmes como "Cidade de Deus", " Vida Marinha com Steve Zissou" onde reinterpretou canções de David Bowie em português. Nos últimos anos, ele esteve presente em produções como "Marighella" e "Medida Provisória".

SERVIÇO

BAILE À LA BAIANA
Qualistage (Av. Ayrton Senna, 3000 – Barra da Tijuca)
17/5, às 22h | Ingressos entre R$ 100 e R$ 380

Um mago dos sons em Itaipava

Egberto Gismonti se apresenta neste fim de semana no Soberano

Por **Affonso Nunes**

Divulgação

Com mais de cinco décadas de carreira, Egberto Gismonti é reconhecido como um dos grandes nomes da música brasileira contemporânea

O jazz club Soberano, em Itaipava, recebe Egberto Gismonti, um dos nomes mais influentes da música instrumental brasileira, nesta sexta e sábado (16 e 17), às 20h30. Na sexta, ele divide o palco com o violonista Daniel Murray, nome destacado da nova geração da música instrumental.

A dupla apresenta um repertório que privilegia a improvisação e o diálogo entre os instrumentos, explorando nuances melódicas e rítmicas com a liberdade que caracteriza a linguagem do músico. A parceria entre Gismonti e Murray já rendeu gravações e turnês internacionais, e agora volta a se encontrar em um espaço dedicado à escuta atenta e à experimentação sonora.

No sábado, a celebração atinge seu ponto alto com a formação especial que reúne, além de Gismonti e Murray, o saxofonista Mauro Senise e o violoncelista Jaques Morelenbaum — dois músicos com trajetórias igualmente marcantes na música brasileira.

Multi-instrumentista, compositor e arranjador, Gismonti é um artista de referência internacional, com uma obra que rompe fronteiras entre gêneros e escolas. Em sua carreira, lançou mais de 60 discos, boa parte deles em parceria com o selo alemão ECM, ao lado de músicos como Naná Vasconcelos, Charlie Haden e Jan Garbarek. Seu trabalho é marcado por uma fusão sofisticada de influências: a música de câmara europeia, o jazz contemporâneo e as sonoridades populares do Brasil profundo.

As apresentações celebram os três anos do Soberano, uma casa que vem se destacando com uma programação musical de altíssimo nível na Região Serrana.

SERVIÇO

EGBERTO GISMONTI

Soberano (Estr. União e Indústria 11.000, Shopping Estação Itaipava – Petrópolis) | 15, 16 e 17/5, às 20h30

Ingressos: R$ 120 e R$ 60 (meia)

ROTEIRO MUSICAL

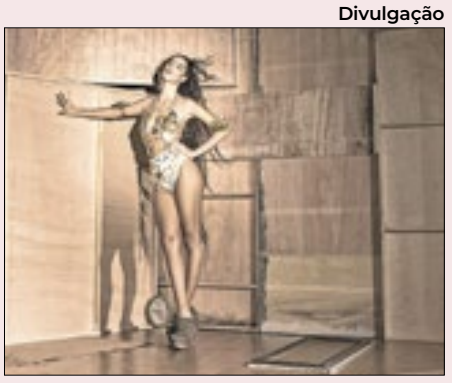
POR AFFONSO NUNES

Alan Miguel Gonçalves/Divulgação

Jazz+blues+MPB

O guitarrista Nelson Faria e quarteto se apresentam nesta sexta (17), às 19h, no Espaço Cultural BNDES em show dedicado a standards do jazz, do blues e da MPB, além de composições autorais como "Brooklyn High", "Juliana" e "Meu Amigo Gramani". O grupo conta com Ney Conceição (baixo), Marcos Nimrichter (teclado) e Di Stéffano (bateria), com participações especiais de Leila Pinheiro e Ulisses Rocha. Grátis

Divulgação



Em nova fase

Marina Sena apresenta ao vivo seu novo álbum, "Coisas Naturais", nesta sexta e sábado (16 e 17), às 22h, no Circo Voador. O show marca a estreia do terceiro disco da cantora, lançado em 31 de março, que mistura reggaeton, lo-fi, brega, reggae, MPB e bossa nova em 13 faixas. O repertório inclui todas as canções do novo trabalho e sucessos como "Dando Sarrada", "Me Toca" e "Por Supuesto". Os ingressos estão esgotados.

Thais Grecchi/Divulgação

Caminhando

O espetáculo "Caminho" reúne Soraya Ravenle e Pedro Franco nesta sexta (16) no palco do Teatro Rival Petrobras. A atriz e cantora revisita canções de sua trajetória em mais de 30 produções, com o violonista explorando improvisos e releituras. No repertório, clássicos como "Sonho impossível", "Noite do meu bem" e "Cidade vazia", além da faixa-título, composta por Pedro e Zélia Duncan especialmente para o show.

Divulgação

Juntar parafusos

Fábio Keldani lança o clipe de "Por faltar um parafuso em você" com show nesta sexta (17), às 20h, na Casa Julieta de Serpa (Praia do Flamengo, 340). A faixa une MPB e pop numa composição sobre encontros amorosos improváveis e imperfeições que se completam. "A inspiração veio de tantos parafusos soltos entre cabeças que não se encaixam, mas que, quando se encontram, tudo faz sentido", conta.

Atos, processos e reflexões de um **artista brasileiro**

Gustavo Gasparani desenvolve quatro projetos em paralelo e prepara livro sobre práticas teatrais

Por **Cláudia Chaves**
Especial para o Correio da Manhã

Nil Caniné/Divulgação

Gustavo Gasparani na montagem premiada de 'Como posso não ser Montgomery Clift?'

Gustavo Gasparani é um dos nomes mais relevantes do teatro brasileiro contemporâneo. Ator, dramaturgo, diretor e professor, construiu uma carreira marcada pela valorização da cultura nacional, com destaque para o teatro musical. Sua obra combina rigor estético, pesquisa histórica e um olhar atento para questões sociais, refletindo uma profunda paixão pelo Brasil e por suas múltiplas expressões artísticas.

Ao longo dos anos, conquistou reconhecimento pela originalidade de seus projetos e pela versatilidade com que transita entre diferentes funções cênicas, com prêmios Shell e APTR em seu currículo.

Sua trajetória é marcada por inquietações criativas e pela constante busca por inovação. Gustavo costuma assumir múltiplos papéis em seus projetos — como ator, diretor, autor e produtor — sempre com sensibilidade, profundidade e compromisso ético. Movido por uma brasilidade diversa e afetiva, vem contribuindo de forma significativa para a cena cultural do país, consolidando-se como uma referência incontornável no teatro nacional.

Atualmente, Gustavo Gasparani está envolvido em quatro grandes projetos que reafirmam seu compromisso com o teatro musical brasileiro, com narrativas de relevância social e com a valorização de figuras icônicas da nossa cultura.

O primeiro é "Fafá de Belém – O Musical", escrito em parceria com Eduardo Rieche. O espetáculo celebra a trajetória da cantora paraense, destacando sua origem amazônica, a ousadia de romper padrões estéticos e sua força política e artística. Ao mergulhar nas 70 canções escolhidas por Fafá, Gustavo percebeu nelas um retrato vivo do Brasil. A parceria criativa com Rieche, já consolidada em trabalhos anteriores, trouxe leveza a um processo que pode ser solitário — especialmente quando se está envolvido em mais de um musical ao mesmo tempo.

Outro projeto em destaque é o retorno da série "Vozes Negras – A Força do Canto Feminino". Nesta nova fase, os debates ganham mais profundidade, com foco nas experiências vividas por cantoras como Elizeth Cardoso e Carmen Costa. Inspirado no Teatro do Oprimido de Augusto Boal, o projeto valoriza histórias de resistência diante do racismo e do machismo, dando voz a trajetórias que marcaram a cultura brasileira.

Já "Nas Selvas do Brasil" parte de um episódio histórico — o encontro entre Cândido Rondon e Theodore Roosevelt na Amazônia — para discutir identidade, colonialismo e o legado de Rondon. A ideia nasceu após uma visita ao Museu Rondon, em Rondônia, e se transformou em uma peça escrita por Pedro Kosovski, com direção de Daniel Herz. Nesta obra, Gustavo atua juntamente com Isio Ghelman e também produz, experimentando um novo olhar ao concentrar-se apenas na atuação.

Paralelamente, Gustavo desenvolve o livro "Atos, Processos e Reflexões", em parceria com a jornalista Rogéria Gomes. A obra nasceu de sua experiência como professor na CAL (Casa das Artes de Laranjeiras), onde começou a lecionar em 2023. Sentindo a ausência de bibliografia nacional sobre métodos e vivências teatrais, decidiu reunir relatos de alunos e experiências práticas para criar um material acessível e significativo para estudantes e profissionais do teatro. Rogéria acompanhou processos marcantes como "Vozes" e "Júlio César", contribuindo com uma perspectiva jornalística sensível e atenta.

Além desses projetos, há ainda o musical do centenário da Mangueira, idealizado a convite da presidente da escola. Como mangueirense de coração, Gustavo considera esse trabalho especialmente simbólico. A afinidade artística com Jô Santana, que também valoriza a cultura brasileira e a centralidade das figuras femininas, torna a parceria ainda mais forte.

Gustavo é movido por inquietações criativas, paixão pela brasilidade e desejo genuíno de compartilhar conhecimento. Ao assumir diferentes papéis — de ator a diretor, de professor a autor — constrói uma obra profundamente comprometida com a identidade cultural brasileira e com o poder transformador da arte.

CRÍTICA / TEATRO / DESERTO

O registro de **um artista** atormentado

Por **Cláudia Chaves**
Especial para o Correio da Manhã

Pregar no deserto; deserto de ideias; local em que não vive gente; despovoado; que se acha vazio; que não é frequentado; sem movimento; inóspito; abandonado.

O espetáculo "Deserto" faz do árido um oásis, no qual a obra de Roberto Bolaño, o escritor chileno, ganha a primorosa atuação de Renato Livera e a direção e dramaturgia de Luiz Felipe Reis.

Bolaño, morto aos 50 anos — jovem para o atual panorama demográfico —, começou sua carreira como poeta, mas ganhou reconhecimento mundial por seus romances. Seu estilo une o lirismo da poesia à experimentação narrativa. Entre seus temas recorrentes estão o exílio, a literatura, a violência política e o desencanto pós-utópico da América Latina.

É desse contexto que "Deserto" não busca apenas adaptar textos do autor chileno, mas reinventá-los para uma linguagem cênica que desafia convenções e linearidades. O teatro torna-se um território híbrido, onde palavra, imagem e presença física se entrelaçam numa encenação profundamente marcada pela obra de Bolaño. As projeções tornam-se extensão do corpo e da palavra. Frases projetadas nos remetem a pensamentos interrompidos, epígrafes descoladas do tempo, notas de um diário mental em estado de combustão. Imagens cruas e delicadas coexistem, criando um diálogo silencioso com o texto falado — ora em tom íntimo, ora cortante como uma confissão tardia.

Dessa forma, "Deserto" é um mergulho em um artista angustiado, com êxito na transposição de sua literatura para o teatro.

Renato Mangolin/Divulgação

Renato Livera tem primorosa atuação em 'Deserto'

SERVIÇO
DESERTO
Teatro Poeira (Rua Sao Joao Batista, 104, Botafogo)
Até 29/6, de quinta a sábados (20h) e domingos (19h)
Ingressos: R$ 100 e R$ 50 (meia)

NA RIBALTA

POR CLÁUDIA CHAVES

Viagem à latinidade

"Cabaré Fiesta y Dolor: Corazones Abiertos" está em cartaz às sextas e sábados, às 22h, no Cabaré do Gláucio. O espetáculo é uma jornada afetiva e poética pela América Latina, onde dor, riso e festa se entrelaçam. Com direção artística de Christina Streva e Ricardo Nolasco, a "cabaréturgia", texto vivo e performático, é construído em cena pelos atores Amnah Asad, Vinícius Rocha, Rohl Martinez, Divina Malandra, Natasha Corbelino, Xandão Viana, Nigga, Luisa Rumchinsky, Lucas Baptista, Danilo Canindé, Vanessa Dias e Josie Antello.

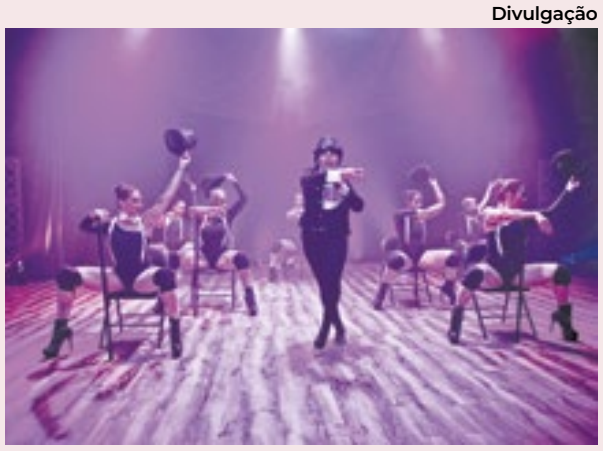
Rodrigo Santana/Divulgação

Divulgação

Um cortejo para Heitor

Neste sábado, (17), às 17h, a Praça da Harmonia recebe o espetáculo "Os Prazeres de Heitor, o mestre-sala da Pequena África", da Grande Companhia Brasileira de Mystérios e Novidades. A peça musicada, com sambas e marchinhas do autor — como "O Pierrô Apaixonado" —, mergulha na trajetória de Heitor dos Prazeres, artista multifacetado: compositor, cantor, instrumentista e pintor, essencial para a consolidação do samba e da cultura afro-brasileira. Com direção de Ligia Veiga, o espetáculo reconstrói a atmosfera da Pequena África, berço de manifestações culturais negras.

Divulgação

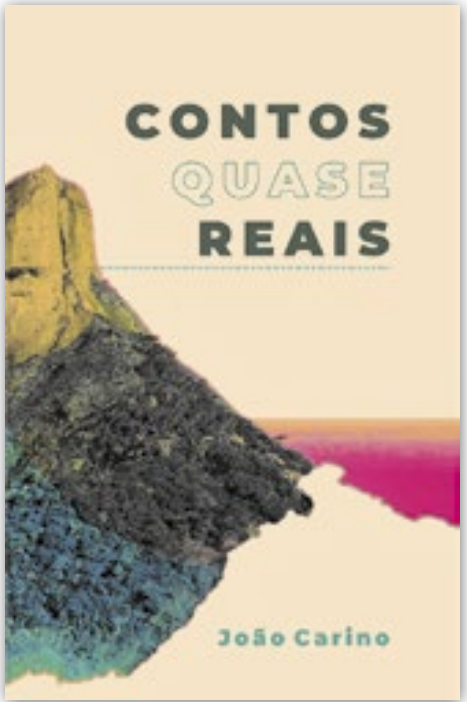


Dança com cadeiras

Neste domingo (18) o Rio recebe 3ª Champ Dolls – Campeonato de Chair Dance do Brasil. Pela primeira vez em solo carioca (Av. Lúcio Costa, 17700, Recreio), o evento reúne bailarinas de diversos cantos do país e do exterior numa celebração que une técnica, expressão corporal e empoderamento em diferentes estilos de dança, como jazz, hip hop, contemporâneo e até burlesco, com a linguagem e à estética do chair dance. A liberdade criativa é o charme da competição, fazendo com que cada dançarina desenvolva uma coreografia única, misturando dança e interpretação.

CRÍTICA / LIVROS

Nem tudo é verdade



Fotos/Divulgação

Por **Olga de Mello**
Especial para o Correio da Manhã

Reprodução

Tatunca Nara, o alemão Hans Günther Hauck, se proclamava descedente de uma civilização perdida civilização fundada na Amazônia em 13 mil a.C.

Jornalismo sempre foi atividade paralela de escritores, que precisavam se sustentar trabalhando em redações — principalmente no Brasil, onde literatura é ganha-pão de poucos. Talvez o maior expoente de literato ex-militante da reportagem seja Ernest Hemingway, que separou drasticamente as duas carreiras, mas impôs um novo ritmo ao romance no século XX, com frases curtas e coesas, descrições pouco adjetivadas, à maneira de redigir textos jornalísticos. É do contato com a rua — cenário das incursões dos repórteres — e seus personagens que tantos jornalistas criam uma literatura muito próxima à das crônicas, mesmo quando relatam suas próprias experiências.

"Histórias de um não repórter" (Autografia, R$ 45,90), de Vicente Dattoli, jornalista esportivo e especialista em carnaval — diretor da Caprichosos de Pilares, foi assessor da Liga das Escolas de Samba do Rio de Janeiro —, não traz memórias, avisa o autor, que conta diversas passagens de sua vida em coberturas de Copas do Mundo, disputas internacionais de vôlei, o contato com deuses do futebol, como Diego Maradona, entre tantas lembranças. Não são memórias, são histórias dos outros, uma característica do jornalista, cuja vida pessoal não se confunde com a de quem é notícia. A paixão pelos temas pulsa em cada um dos relatos deliciosos de Dattoli, hoje longe das redações, mas ainda encantado pelas áreas a que se dedicou.

Tropas nazistas na Amazônia, o assassinato de um jornalista alemão no Rio, uma cidade perdida escondida na floresta com túneis subterrâneos que levariam às localidades incas. Esses elementos de filme de aventuras são parte da saga do documentarista Rapha Erichsen, que conta, em "O enigma de Akakor — Farsas e segredos na Floresta Amazônica" (Faria e Silva, R$ 64,90), a procura de respostas para a misteriosa morte do correspondente internacional Karl Brugger, alvejado no coração por um tiro, na praia de Ipanema, em 1984. Uma década antes, Brugger conheceu um suposto líder indígena, Tatunca Nara, que o encorajou a buscar Akakor. Intrigado com o sumiço de aventureiros estrangeiros mortos ou desaparecidos depois de se lançarem em busca de Akakor, Rapha Erichsen tenta encontrar Tatunca Nara, também conhecido por Hans Günther Hauck, sua identidade civil.

Radialista e produtor musical, João Carino informa no prólogo de "Contos quase reais" (Numa, R$ 61,90) que, embora alguns dos 25 contos sejam rigorosamente verdadeiros, boa parte se compõe de "invenções, floreios em torno de uma verdade". O resultado é a seleção de saborosas crônicas da vida diária, com personagens ou situações sobre os quais todos já ouviram falar. Entre eles, o motorista de ônibus que monta a segunda família com uma passageira, o charlatanismo de um médium desmascarado após uma falsa operação espiritual, a casa de um condomínio elegante usada como locação para filmes pornográficos, a edição da entrevista de um crítico musical que detesta bossa nova. Para embalar a leitura, o autor criou uma lista das canções que usa como epígrafe dos textos, a ser ouvida em aplicativo na internet.

Dez anos de **escrita insurgente**

Coletivo Bando Editorial Favelofágico lança seis livros e celebra uma década valorizando a literatura feita nas comunidades cariocas

Por **Affonso Nunes**

Divulgação

O editor Felipe Eugênio com a equipe do Bando Editorial Favelofágico e os autores selecionados na quinta residência literária

O Bando Editorial Favelofágico completa uma década de atividades celebrando a força da literatura periférica. No dia 17 de maio, o coletivo lança seis novos títulos assinados por autores da quinta edição de sua residência literária, que oferece remuneração e acompanhamento editorial durante seis meses. O evento ocorre a partir das 15h, no Bar do Papa, em Cascadura, dentro da programação do Rolé Literário.

Os livros são: "Maré", de Adriana Kairos; "Porque as lágrimas não vertem", de Daniel de Abreu Brasil; "A febre de Momo", de Diogo Lyra; "Mímesis", de Isabel Marz; "Pequenas colisões", de Mauro Siqueira; e "Mormaço", de Steffany Dias. Com preço fixado em R$ 45, os títulos também terão uma cota de distribuição gratuita por formulário disponível no Instagram do selo (@favelofagia). As próximas datas de lançamento são 27 de maio, na Casa Viva Manguinhos, e 5 de junho, no CEASM, na Maré.

Criado em 2015, o projeto já beneficiou 34 autores — a maioria mulheres — e mantém como missão promover a literatura produzida nas favelas cariocas. O editor Felipe Eugênio destaca o caráter estético e político dos textos, que abordam temas urgentes sem abrir mão da experimentação formal. "Ousar na forma literária é o grande desafio do sujeito que tenha intentos de enfrentar, através da trincheira das letras, os 'podres poderes' desse nosso tempo", afirma.

Inspirado na Antropofagia Tupinambá e no Manifesto Antropofágico de Oswald de Andrade, o selo também reverbera esse legado visualmente: a logomarca do Bando remete ao "Abaporu", icônica obra de Tarsila do Amaral. A proposta é, a partir das bordas, questionar e recriar o centro.

O alcance do trabalho já transbordou as fronteiras do projeto. Dois autores revelados pelo Bando foram convidados pela Companhia das Letras: Rafael Simeão, com o livro de contos "Quando chega nossa vez acaba" (Alfaguara, 2024), e Janaina Abilio, que ainda terá sua obra publicada.

O Bando Editorial Favelofágico é uma iniciativa sem fins lucrativos, com patrocínio do Centro Universitário IBMR, Nova Rio, Rede Globo, Transegur Vigilância e Segurança e Prefeitura do Rio, por meio da Secretaria Municipal de Cultura. A gestão cultural é da Sociedade de Promoção da Casa de Oswaldo Cruz (SPCOC-Fiocruz), com apoio da Cooperação Social da Presidência da Fiocruz.

SINOPSES DOS LANÇAMENTOS

Maré (Adriana Kairos): A história acompanha Isabel e Rodrigo, moradores da Maré, em suas paixões e lutas marcadas pelo desejo e resistência. A narrativa mistura elementos de realismo mágico, com o Casarão da Rua Nova Jerusalém como ponto de resistência e encontros, refletindo temas de identidade e pertencimento.

Porque as Lágrimas Não Vertem (Daniel de Abreu Brazil): A obra aborda o impacto do estresse emocional e da burocracia educacional na saúde mental de um professor, explorando temas como autoagressão, compulsão e isolamento social.

A febre de Momo (Diogo Lyra): Narrativa surrealista e fantástica, ambientada em um Rio de Janeiro atemporal, que mistura carnaval, luta de classes e magia, contando a história de personagens extraordinários em situações cotidianas e de resistência.

Mímesis (Isabel Marz): A história apresenta a luta de duas amigas em um mundo dividido, explorando uma dicotomia social e um relógio que marca o fim da humanidade, enquanto a narradora experimenta diferentes perspectivas sociais.

Pequenas Colisões (Mauro Siqueira): Romance fragmentado que acompanha a vida de Marcos e Estela, abordando os altos e baixos de seus relacionamentos, memórias e reflexões cotidianas, com foco em momentos íntimos e existenciais.

Mormaço (Steffany Dias): Três adolescentes lidam com os dilemas da maturidade e a construção de suas identidades. A obra investiga temas de negritude, fé e autodescoberta, narrada por diferentes perspectivas, refletindo sobre o presente e o passado de seus protagonistas.

SERVIÇO

LANÇAMENTO DE LIVROS DA 5ª RESIDÊNCIA LITERÁRIA DO BANDO EDITORIAL FAVELOFÁGICO

Bar do Papa (Rua Cândida Bastos, 164, Cascadura)
17/5, a partir das 15h
Entrada gratuita, com livros à venda por R$ 45

Aquele brinde *consciente*

Conheça as últimas tendências de drinques não alcóolicos nos bares e restaurantes cariocas

Por **Natasha Sobrinho** **(@restaurants_to_love)** Especial para o Correio da Manhã

Nos últimos anos, os drinques sem álcool ganharam destaque e se tornaram tendência em bares e restaurantes. Conhecidos como "mocktails", essas bebidas combinam sabor, sofisticação e criatividade, sem os efeitos do álcool. A crescente preocupação com a saúde, o bem-estar e o consumo consciente tem impulsionado essa mudança, tornando os drinques não alcoólicos uma opção cada vez mais popular, não só entre os adultos, mas também para a nova geração. Além disso, os bartenders têm explorado ingredientes frescos e técnicas inovadoras para criar experiências gustativas completas, provando que é possível brindar com estilo e responsabilidade. De olho nessa tendência, o Correio da Manhã fez um roteiro para você aproveitar o que há de melhor da coquetelaria sem álcool nas casas cariocas. Confira abaixo:

Tomás Vélez/Divulgação

Áriz

ÁRIZ – No bar, localizado no Leblon, há muitas opções de drinques sem álcool como: o Ariza (R$ 25), com frutas vermelhas, tônica, gengibre e manjericão, o Viva a Vida (R$ 25), preparado com Monin Tangerina, limão, tônica e espuma de gengibre e o Festeiro (R$ 25), que traz Monin Pipoca, limão siciliano, tônica e cascas cítricas. Rua Dias Ferreira, 50. Tel: (21) 96458-0593.

BROTO – Entrou para carta de drinques do pizza bar duas opções de drinques sem álcool: a Brisa (R$ 34), bebida com soda de capim limão, maracujá, gengibre Ginseng e terpeno canábico e a Brasa (R$ 36), com soda de frutas vermelhas, maca peruana, camu camu e açaí. Uma com efeito relaxante e outra energizante. Rua Aires Saldanha, 13 - Copacabana. Tel e whatsapp: (21) 3495-7532.

CASA MILÀ - Na casa localizada no fervo da Praça São Salvador, em Laranjeiras, para acompanhar as comidinhas do cardápio, o restaurateur Lucas Leal indica dois coquetéis não alcoólicos: o Pamplona (R$ 22), um coquetel levemente adocicado, com bastante acidez e frescor com purê de abacaxi, suco de limão taiti, xarope de morango e soda de capim limão e o Galícia (R$ 22), um coquetel refrescante com um toque de especiarias e leve acidez com xarope de rabanada, suco de maracujá e suco de limão taiti. Rua Esteves Júnior, 28. Tel: (21) 97215-1447.

CASA HORTO - A carta de drinques do P´Alma, assinada pela premiada mixologista Jessica Sanchez permite a criação de coquetel sem álcool, com o sabor à escolha do público. Entre as opções está o Tepache de abacaxi com acerola e balsâmico gaseificados (R$ 24). Rua Pacheco Leão 696 - Jardim Botânico. Tel: (21) 93618-6310.

Tomas Rangel/Divulgação

Mercearia da Praça

MERCEARIA DA PRAÇA - O mixologista Roberto Torres assina a carta da casa com opções de drinques sem álcool. Destaque para o Biotônico (R$ 23,90), feito com tônica de pêra e cítricos, produzida na casa e o Adelaide (R$ 23,90), com xarope de capim santo com hortelã feito no restaurante, e limão siciliano com água gaseificada. Rua Jangadeiro, 28 - Praça General Osório - Ipanema. Tel: (21) 3986-1400.

PATO COM LARANJA - Na carta de drinks, criado pelo chef de bar Yuri Evangelista, os destaques entre as opções sem álcool são: o Daisy Duck S/A (R$ 28), que traz uma combinação de morango, cardamomo, limão, água com gás e uma espuma de framboesa, o Summer Jam S/A (R$ 28), com Yuzu e água com gás e o La Belle de Jour S/A (R$ 28) com maracujá, água de coco e limão. Rua Dias Ferreira, 410 - Leblon. Tel: (21) 96777-0022.

POBRE JUAN - Os drinks sem álcool estão em alta na carta da casa de carnes, localizada no VillageMall. Entre os destaques estão o Juan Rouge (R$ 36) feito com frutas vermelhas, canela, manjericão, gengibre e tabasco e o Novo Juan (R$ 36), com caju, tangerina, abacaxi e grenadine. Endereço: Av. das Américas 3900, loja 301 - Barra da Tijuca. Tel: (21) 3252-2637.

Divulgação

Pobre Juan

Tomas Rangel/Divulgação

Casa Milá

Divulgação

Casa Horto

Tomas Rangel/Divulgação

Pato com Laranja

Divulgação

Broto

Um livro que tem rodas

Obra de Eva Leite reúne relatos sobre deficiência, maternidade e sexualidade

Por Mayariane Castro

A escritora Eva Leite lança, na próxima quinta-feira (22), a terceira edição do livro "Minha Vida Tem Rodas, Meus Sonhos Têm Asas", na Casa de Cultura do Varjão, no Distrito Federal. A nova versão do livro, com revisão e conteúdos ampliados, reúne relatos autobiográficos da autora e de outras pessoas com deficiência, com o objetivo de promover visibilidade e ampliar o debate sobre os direitos, desafios e vivências da comunidade PcD (pessoas com deficiência).

Eva Leite, de 59 anos, é piauiense e mora no Distrito Federal. Ela convive há 38 anos com uma lesão medular decorrente de um acidente em 1987. A obra, originalmente lançada em 2004, foi atualizada e passou a incluir depoimentos de outras pessoas com diferentes tipos de deficiência, como surdez e cegueira. A edição atual conta com apoio do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal (FAC-DF), vinculado à Secretaria de Cultura e Economia Criativa (Secec-DF).

Relançamento

A nova edição apresenta alterações no estilo da narrativa, que agora incorpora múltiplas perspectivas. Segundo a autora, o livro foi inicialmente pensado logo após o acidente, mas só começou a ser escrito 14 anos depois. A primeira edição foi publicada em 2004 e teve uma tiragem de 1.500 exemplares. A atual incluiu a revisão de trechos, atualização de informações e a inserção de novos relatos.

Divulgação

Eva Leite conta suas experiências e de outras pessoas PcDs

Quebra de tabus e estereótipos

Mãe após o acidente, Eva mostra relações possíveis e felizes

"Na primeira edição, eu falava muito de mim. Agora, inseri mais depoimentos de pessoas com deficiência falando de sua visão de mundo", afirma Eva.

De acordo com ela, a escrita também passou por mudanças ao longo dos anos, influenciada por sua trajetória como autora de outros quatro livros.

A experiência acumulada permitiu, segundo ela, uma abordagem mais ampla e direta dos temas que ela desejou tratar em sua obra.

Sexo

Um dos principais eixos da nova edição é o debate sobre acessibilidade sexual. Eva inclui no livro a experiência com a maternidade após a lesão, quando engravidou e teve a filha Isabel, em 1993. O relato aborda questões afetivas e sexuais enfrentadas por pessoas com deficiência, ainda marcadas por tabus e preconceitos sociais.

A autora afirma que um dos objetivos do livro é contribuir para a desconstrução de estereótipos relacionados à sexualidade e à vida afetiva de pessoas com deficiência. Ela argumenta que, apesar dos avanços, ainda existe desconhecimento sobre a possibilidade de essas pessoas levarem uma vida afetiva e familiar plena, o que inclui relações amorosas, casamento e maternidade.

Paulo Pinto/Agência Brasil

Sexo e outros temas da vida relatados

A sessão de lançamento do livro contará com palestra da autora, seguida de debate aberto ao público. O evento será realizado às 16h30 na Casa de Cultura do Varjão, localizada na Quadra 2, Conjunto B, Lotes 1 e 2. A entrada é gratuita.

Com a inserção de novos relatos e a ampliação dos temas abordados, o livro busca criar um espaço de escuta e representação para diferentes vivências dentro da diversidade funcional. Os depoimentos selecionados tratam de questões cotidianas, como mobilidade, inclusão em espaços públicos, acesso à educação e ao mercado de trabalho, além de narrativas sobre autonomia e enfrentamento do preconceito.

A proposta de reunir diferentes vozes surgiu do desejo da autora de enriquecer o conteúdo da obra original, que era centrada exclusivamente em sua própria trajetória. A diversidade de experiências, segundo Eva, contribui para representar a pluralidade da comunidade PcD.

Diálogos

A publicação faz parte de um esforço maior de promover discussões públicas sobre deficiência e inclusão, por meio da cultura e da literatura. O apoio institucional do FAC-DF permitiu a realização do projeto e o acesso gratuito ao lançamento, como parte da política pública.

Gabriel Mota/Divulgação

Shows de Seu Jorge, Marcelo D2 e Blitz agitam segundo fim de semana do Funn Festival

Um DF de opções de lazer

Confira atrações culturais em todas as regiões da cidade

POR: REYNALDO RODRIGUES CORREIOCULTURALDF@GMAIL.COM

FESTIVAL

Funn recebe Seu Jorge e Marcelo D2

✱Após um fim de semana com mais de 40 mil presentes, a programação continua no Estacionamento 2 do Parque da Cidade até 8 de junho. Nesta sexta (16), o palco principal recebe Seu Jorge, Blitz e Marcelo D2, que apresenta seu projeto Manual Prático do Novo Samba Tradicional. No sábado (17), o destaque é o espetáculo infantil Dos Rosa, coletivo de influenciadores que conquistou o público jovem. Além dos shows, o evento oferece atividades como roda-gigante, balão cativo e labirinto da aventura, funcionando aos fins de semana.

Festival 1KG de Rock

✱O Instituto Federal de Brasília (IFB), no campus Riacho Fundo I, sedia nesta sexta-feira (16) o festival 1KG de Rock, um evento gratuito que une música, dança e palestras. A entrada é solidária, com a doação de 1 kg de alimento não perecível, destinado a instituições da região. A programação inclui bandas locais como Baratas de Chernobyl, Barbarella e Kidsgrace, além de apresentações de dança com o grupo Shabbanna. Palestras abordam a conexão entre ciência e rock e o papel dos professores na cultura rock. O evento ocorre das 8h às 17h. Mais informações no perfil @1kgderock.

SHOW

Tucanuçu no Jardim Botânico

✱O álbum Tucanuçu, de Victor Ramon e Tiago Tunes, terá show de lançamento no domingo, 18 de maio, às 15h, no Anfiteatro do Jardim Botânico de Brasília. O evento gratuito contará com a participação de João Ferreira (baixo, guitarra e sintetizador), Mariano Toniatti e Luiz Ungarelli (percussão). O disco, lançado em março, reúne 10 faixas instrumentais que exploram a sonoridade do bandolim de 10 cordas, violão de 8 cordas e arranjos percussivos.

Só pra Xamegar no DF

✱A banda Só pra Xamegar promete animar o Arraiá do Lago, que acontece nos dias 30 e 31 de maio, no Clube Almirante Alexandrino, no Lago Norte, em Brasília. Com mais de 20 anos de carreira, o grupo liderado por Diogo Henrique e Bruno Rios apresentará um repertório que mistura clássicos do forró e canções autorais.

Divulgação

Festival 1KG de Rock chega ao IFB do Riacho Fundo I

PROJETO

"Aprendendo com Elas"

✱O projeto "Aprendendo com Elas", criado por Daniel Pitanga, promove rodas de conversa que abordam o protagonismo feminino na música do DF. Os encontros ocorrem aos sábados de maio, às 10h, em locais como o Espaço Jovem de Expressão e a Casa Kaluanã. Entre os temas, estão a atuação de mulheres instrumentistas, criadoras e percussionistas. A iniciativa inclui show, oficina e livro de partituras. Entrada gratuita.

Cortejo Musical

✱O coletivo Agbelas retorna a Brasília com oficinas e cortejos musicais liderados por mulheres, usando o agbê como

Sabrina Moura

Espetáculo-instalação destaca mulheres pioneiras

Divulgação

Exposição valoriza identidade negra

DIvulgação

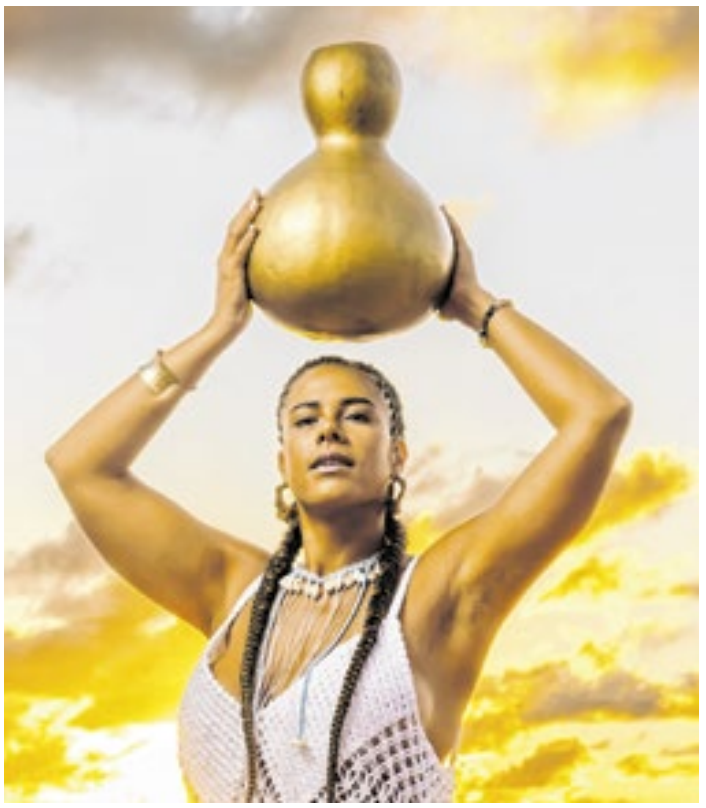
"Aprendendo com Elas"

instrumento central. Após dois anos em Salvador, onde tocaram com nomes como Carlinhos Brown, o grupo encerra as atividades na Vila Planalto neste sábado, 17 de maio, às 16h, com um cortejo em homenagem aos operários do Acampamento Pacheco Fernandes, vítimas de um massacre em 1959. Entrada gratuita.

Empoderamento Feminino

✱O Festival Yabás Deusas Negras celebra a cultura afro-brasileira e o protagonismo feminino, homenageando as Orixás femininas e seus valores. De 9 a 15 de junho, o evento inclui oficinas, rodas de conversa e shows, promovendo ancestralidade, resistência e debate sobre racismo, misoginia e empoderamento, com entrada gratuita no DF.

André Frutuôso



Agbelas realizam cortejo musical na Vila Planalto

Divulgação

Cia Teatral Escambo segue em cartaz

TEATRO

"Do outro lado da rua"

✱A Cia. Teatral Escambo estreou em 2025 o espetáculo "Do outro lado da rua", que apresenta a vida de Jesus Cristo com humor, crítica e música, abordando conservadorismo religioso e fundamentalismo. As sessões gratuitas de teatro de rua ocorrem em maio e junho no DF, com tradução em libras e audiodescrição, promovendo reflexão sobre amor, intolerância e direitos humanos. Para descobrir o próximo destino de apresentação, confira no Instagram: @escambociateatral.

Orquestra Sinfônica

✱Nesta sexta (16), às 20h, o Quarteto de Cordas do TNCS se apresenta gratuitamente no CTJ Hall da Casa Thomas Jefferson, com participação da pianista Anastasiya Evsina. O programa inclui quintetos de Schumann e Franck. Entrada livre, sem necessidade de retirada prévia de ingressos. Local: 706/906 Sul, Brasília.

Espetáculo-instalação

✱O espetáculo-instalação "Carrego O Que Posso, Faço Quintal Onde Dá", do Coletivo Entrevazios, homenageia mulheres pioneiras na construção de Brasília por meio de objetos do cotidiano e narrativas reais. Com sessões gratuitas em museus e escolas do DF, o projeto inclui acessibilidade com audiodescrição e libras. A montagem revela memórias e resistência feminina, promovendo reflexão sobre história e pertencimento, em apresentações de 23 a 31 de maio.

EXPOSIÇÃO

Uma poética mitológica

✱A exposição "Belx Pretx – uma poética mitológica", de Luíz Roberto Moreira, abre sexta (16) no Museu Histórico e Artístico de Planaltina. Com 20 fotos, a mostra reimagina deuses gregos com corpos negros, celebrando ancestralidade e rompendo padrões eurocêntricos. Entrada gratuita, visita até 15/06, com desfile dos modelos na abertura às 20h.

FESTA

Complexo Fora do Eixo

✱O Complexo Fora do Eixo, no SAAN, traz uma maratona de eventos com rap, pagode, funk e DJs até o dia 18 de maio. Atrações incluem MC TH, Benzadeus, Doze por Oito e Grupo Hoje Eu Vou.

Birosca do Conic

✱A festa "Discotcheca" acontece neste sábado (17) no Birosca do Conic, reunindo DJs e apresentações artísticas de drag queens. O tema da balada é brega e funk e promete agitar o prédio com muitos ritmos. Ingressos a partir de R$ 15. Os 400 primeiros a retirarem a cortesia não pagam entrada até meia-noite.

Lah no bar

✱O bar Lah no Bar comemora 6 anos com uma programação intensa de karaokê e festas até domingo. Ingressos variam de R$ 11 a R$ 75, com cortesias e happy hour. Aproveite drinks em dose dupla e muita música na CLS 413 Sul.

Arte na Quebrada

Festival destaca a força da cultura e arte urbana nas periferias em Planaltina

Por Mayariane Castro

Divulgação

O projeto quer conectar as vozes que ecoam das quebradas do DF

A segunda edição do Festival Quebradas será realizada na próxima sexta-feira (30), em Planaltina. Com programação gratuita e voltada à valorização da cultura periférica, o evento ocorrerá em dois locais: na Faculdade UnB de Planaltina (FUP), a partir das 13h30, e no Bar do Carlinhos, localizado no Parque de Exposições da cidade, a partir das 19h.

O festival reunirá diversas atividades como contação de histórias, circuito de ciências, batalhas de rima, apresentações musicais, lançamento de livro, grafite ao vivo, feira de empreendedores locais e intervenções poéticas. O evento é promovido pelos institutos Palco Cultura e Periferia Livre, com apoio da Secretaria de Cultura e Economia Criativa do DF, da Universidade de Brasília (UnB), da Administração de Planaltina e de coletivos culturais como a Frente Nacional de Mulheres no Hip-Hop (FUNH2) e o Coletivo Poesia nas Quebradas.

Entre os destaques da programação está o lançamento do livro "Do Rascunho à Obra: A Quebrada que Lê Também Escreve", que reúne textos produzidos por participantes do projeto Conexões de Quebrada. A atividade ocorrerá no auditório Augusto Boal da FUP, às 17h30, após apresentação da escritora Thaís Mandarino, prevista para as 17h.

O evento começa às 14h com contação de histórias feita por Aluizio Augusto, seguida de um circuito de ciências, ambos realizados nas instalações da UnB.

Música e agito no Bar do Carlinhos

Ponto tradicional da cultura da cidade é destaque na noite

Divulgação

O festival também será palco de batalhas de rima

A proposta pedagógica do circuito de contação de histórias visa estimular o interesse de crianças e jovens pelas ciências a partir de atividades práticas e interativas.

No período da noite, as atividades se concentram no Bar do Carlinhos, local tradicional da cena cultural da região. A partir das 19h, artistas locais e nacionais se apresentam em uma série de shows. O line-up inclui nomes como Ediá, Markão Aborígene, Setor Bass, Negra Flow e o grupo paulista Gansta e Poesias. Também haverá batalha de rimas com premiação, discotecagem com DJ Sapo e oficinas de arteterapia por meio do grafite, com os artistas Red Lion, Nathi e Lari de Oyá.

De acordo com Ravena Carmo, uma das organizadoras do festival, o evento é uma extensão das ações realizadas ao longo dos últimos meses pelo projeto Conexões de Quebrada. Segundo ela, o objetivo é apresentar ao público o resultado dos trabalhos desenvolvidos em oficinas formativas, rodas de conversa e núcleos de estudo sobre literatura, ciência e arte urbana.

"O Festival Quebradas traz a sua diversidade dentro dos trabalhos realizados ao longo dos meses com o projeto Conexões de Quebrada. Tudo que nós aprendemos vai aparecer dentro do festival. Temos uma ampla diversidade de linguagens", explica Ravena.

O grupo Gangsta e Poesias, de São Paulo, composto por mulheres atuantes no rap nacional e com passagens por grupos como Realidade Cruel e Ao Cubo, é uma das atrações convidadas. A participação busca ampliar a representatividade de mulheres na cena hip-hop e fortalecer o diálogo entre diferentes territórios culturais.

Empreender

A Feira de Quebrada também integra a programação, com a participação de empreendedores locais. A proposta é oferecer um espaço para comercialização de produtos, troca de experiências e divulgação de iniciativas periféricas de economia criativa. O festival tem como uma de suas prioridades a acessibilidade. Todas as atividades contarão com intérprete de Libras, e haverá programação voltada a diferentes faixas etárias, incluindo ações específicas para o público infantil e para pessoas idosas. A estrutura do evento foi planejada para garantir a participação de toda a comunidade.

Além de promover o acesso à cultura, o Festival Quebradas busca fortalecer a identidade cultural das periferias do Distrito Federal.

Correio da Manhã

Brasília, Sexta-feira, 16 a domingo, 18 de Maio de 2025 - Ano CXXIII - Nº 24.768

Marcelo D2, Blitz e Seu Jorge são destaques no Funn

PÁGINAS 8 E 9

Planaltina recebe Edição do Festival Quebradas

PÁGINA 16

Livro dá visibilidade a pessoas com deficiência

PÁGINA 7

2º CADERNO

EDIÇÃO DE FIM DE SEMANA

Divulgação Vitrine Filmes

Victor Jucá/Divulgação

Wagner Moura protagoniza uma trama ambientada em Recife em 1977, durante o período em que o general Ernesto Geisel era o ditador de plantão

Brasilidade **à francesa**

Produtora mundialmente respeitada por filmes de CEP pernambucano, Emilie Lesclaux leva o Brasil à disputa pela Palma de Ouro com 'O Agente Secreto', numa parceria com seu companheiro, Kleber Mendonça Filho

Emilie Lesclaux vem levando os longas de Kleber Mendonça Filho a Cannes desde 'Aquarius', em 2016

Por **Rodrigo Fonseca**
Especial para o Correio da Manhã

Domingo é dia de Brasil na briga pela Palma de Ouro de Cannes, mas é uma francesa que adotou Recife como lar - Emilie Lesclaux - quem conduziu a produção do concorrente nacional de Cannes, "O Agente Secreto", encarado pela imprensa estrangeira como um dos lançamentos de maior expectativa da competição. A produtura já esteve em concurso na Croisette com dois outros marcos do país no planisfério cinéfilo: "Aquarius" (2016) e "Bacurau", que saiu do evento com o Prêmio do Júri, em 2019.

Voltou em 2023, na disputa do troféu L'Oeil d'Or (a Palma da não ficção), com o ensaio de tom documental "Retratos Fantasmas". Seu currículo é invejável e traduz sua parceria criativa com seu companheiro, Kleber Mendonça Filho, com quem tem dois filhos. Ela ainda fez barulho na Berlinale de 2024 com "Dormir De Olhos Abertos", da alemã Nele Wohlatz, e no Festival de Veneza de 2023 com "Sem Coração", da dupla Nara Normande e Tião, egressa de Pernambuco, a terra de Kleber e arena de sua obra.

"A coprodução, que é algo sempre complexo, principalmente envolvendo vários países, foi uma experiência muito feliz para o 'Agente Secreto', como foi para 'Bacurau' e 'Aquarius', diz Emilie, que começou a produzir filmes ajudando Kleber (em várias funções) em curtas dele e no longa "Crítico", documentário de 2008 hoje na MUBI.

Continua na página seguinte